

**“SIRIGAITAS”, “SACUDIDAS”, “IMORAIS”, “CRIMINOSAS”, “BÁRBARAS” E
“LOUCAS”: REPRESENTAÇÃO, REPRESSÃO E SILÊNCIO EM FEIRA DE
SANTANA, BAHIA, 1890-1920**

POR: KARINE TEIXEIRA DAMASCENO¹

Introdução

Localizada entre o Recôncavo e o Sertão, distante, aproximadamente, 109 km de Salvador, Feira de Santana situa-se ao leste do Estado da Bahia, “numa zona de transição entre o Recôncavo baiano de clima sub-úmido e o Nordeste seco de clima semi-árido, área denominado agreste baiano”(SANTA BARBARA, 2007: 10; FREITAS, 1998: 53). Desde o período colonial, constituiu-se como principal elo entre moradores e negociantes dessas regiões (ANDRADE, 1998; POPPINO, 1968: 25); porém, apenas recentemente, a historiografia tem se voltado para a investigação da sua história e das pessoas que tiveram suas vidas entrelaçadas ao município.

Neste texto priorizaremos a análise de algumas notícias do jornal Folha do Norte – principal periódico a circular na cidade na época investigada – nas quais pudemos ter acesso ao modo que as mulheres pobres, trabalhadoras e negras foram representadas pelos intelectuais que escreviam para o mesmo na virada do século XIX para o século XX. Tais representações abrem uma janela para que possamos ver as tensões entre os diferentes sujeitos.

Acreditamos que as representações construídas não faziam sentido apenas para os indivíduos do grupo social que as construiu, uma vez que estavam inseridas no âmbito da cultura que era compartilhada por outros grupos sociais (SCHWARCZ, 2007: 41). Contudo, havemos de considerar os interesses que estavam em jogo na imagem produzida pelos intelectuais que escreviam no jornal Folha do Norte, pois, como afirma Roger Chartier, as

¹ As reflexões apresentadas neste texto fazem parte da pesquisa de referência: DAMASCENO, Karine Teixeira. *Mal ou bem procedidas: cotidiano de transgressão das regras sociais e jurídicas em Feira de Santana, 1890-1920*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 2011. A Dissertação de Mestrado foi orientada pela Profa. Dra. Silvia Hunold Lara. Estudo financiado pelo Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação de Fundação Ford (IFP).



representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam; daí a importância de levar em consideração a posição que estes homens ocupavam na sociedade, pois suas percepções não eram discursos neutros pelo fato de produzirem estratégias e práticas, com o objetivo de legitimar ou justificar algo diante de outros indivíduos ou grupos sociais (CHARTIER, 1990: 17).

Ao observarmos o agenciamento desse grupo social específico podemos notar que estavam mobilizados no sentido de conduzir a população pobre à “civilização”, visto que, para esses homens, tratava-se de uma demanda imprescindível para a consolidação da República.

2.4. Sob a ótica da imprensa: a representação das mulheres pobres, trabalhadoras e negras no jornal Folha do Norte

Entre os anos de 1890 e 1920, as condições de sobrevivência e os valores das mulheres pobres, trabalhadoras e negras por si só as tornavam transgressoras das regras sociais impostas a todas as mulheres. Seus hábitos, suas vestes e a forma como se relacionavam com outros sujeitos sociais, na maior parte das vezes, eram considerados ofensivos à sociedade. Nesse sentido, para além de informar o jornal Folha do Norte cumpre o papel de legitimar as medidas de controle adotadas e construir uma imagem negativa sobre esses sujeitos sociais que, por sua vez, vivenciavam ao longo da vida a experiências de serem oprimidas, excluídas e invisibilizadas.

Desse modo, gênero, raça e classe são os conceitos básicos que permeiam essas reflexões. Tomamos a noção de classe adotada por E. P. Thompson, na medida em que este compreende tal noção como relacional, resultado de experiências comuns herdadas ou partilhadas, de modo que as pessoas envolvidas sentem e articulam suas identidades e seus interesses diante de outros grupos com interesses divergentes (THOMPSON, 1987: 9-14). Nesse sentido, as mulheres de Feira de Santana que estudamos vivenciaram a condição de pobreza, lutaram para sobreviver de diferentes maneiras, no mercado formal ou informal do trabalho, e partilharam experiências comuns em seu cotidiano (FRAGA FILHO, 1996: 15-33).



No tocante à noção de raça, concordamos com Antonio Sérgio Alfredo Guimarães que o conceito de raça é um dos marcadores da desigualdade e da exclusão no Brasil, sendo que, no período que investigamos, tais aspectos foram presentes nas relações tanto entre os sujeitos quanto entre os grupos sociais (GUIMARÃES, 2002: 47-77). Por isso mesmo, tomamos aqui o termo “negra” como um dos sinônimos de não branca – generalização que permite associar numa mesma categoria as mulheres pardas e pretas. Este termo permite registrar a condição de subalternidade que as caracteriza, mesmo que, em muitos casos, como veremos, essas mulheres não tenham sido identificadas como “negras”. Nessas situações, a análise da documentação nos permite inferir essa condição e apreender alguns de seus significados sociais.

Por sua vez, o conceito de gênero adotado aqui é inspirado na concepção defendida por Joan Scott, para quem gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças entre mulheres e homens, que varia conforme a cultura, os grupos sociais e o tempo. Ainda de acordo com as reflexões desta autora, tal categoria sugere que as informações sobre as mulheres são necessariamente informações sobre os homens, isto é, que o estudo de um implica o estudo do outro, já que fazem parte do mesmo mundo e foram criados por ele (SCOTT, 1992: 63-95; 1994:11-27; 2011; CUNHA, 1998: 181-215). O que tentamos fazer é verificar as relações que essas mulheres estabeleceram com outras mulheres e com os homens com os quais conviviam.

Se por um lado, o jornal nos permitem conhecer como a elite intelectual local representava as mulheres pesquisadas, por outro, abre uma janela de acesso a aspectos fundamentais para que possamos saber como viviam nossas protagonistas, cuja presença nas páginas dos jornais não era algo muito comum, mas, quando apareciam, era no lugar de causadoras de desordem, de ofensas à moral das boas famílias, sendo rés ou vítimas de casos de violência física.

Na medida em que as mulheres por nós investigadas transgrediam os padrões estabelecidos para uma mulher civilizada, a imprensa reservava para elas um lugar muito diferente daqueles ocupados pelas mulheres da elite nas páginas dos mesmos jornais. Por vezes, elas eram alvos de reclamações, como a realizada numa carta anônima que foi comentada no jornal Folha do Norte.



Sirigaitas da... “rua do meio”

“Numa carta anônima pede-nos que chamemos atenção da polícia para pôr cobro à conduta reprovada de três mulheres, verdadeiras *sirigaitas*, moradoras *na rua do meio*, as quais se mantem na *minduba* e num *tira-que-tira* de obscenidades, às portas de suas casas, dia e noite, não respeitam as famílias d’aquelas proximidades asseverando o anônimo denunciante ter voltado com sua família quando pretendia atravessar a dita rua, em vista de uma saraivada de ofensas ao pudor que a cortava. Na nomenclatura das ruas não encontramos a “rua do meio”, bem como não costumamos dar guarida ao anonimato. Como, porém, o caso afeta seriamente aos bons costumes e a moral pública levamo-lo ao conhecimento da polícia. Esta que procure a *rua do meio* e indague da verdade sobre o que se passa por lá” (Grifos do jornal). (Folha do Norte, 1913: 2).

Diante de uma notícia anônima, cujas informações o jornal não conseguiu ou não quis confirmar, o que falou mais alto para o periódico foi o objetivo de preservar a moralidade da população feirense. Por isso, em 5 de julho de 1913, fez coro com o autor da carta anônima, pedindo que as autoridades policiais averiguassem a denúncia contra as ditas “sirigaitas” e, constatando a ofensa moral, adotassem uma postura repressiva contra tais mulheres, que, provavelmente, trabalhavam como prostitutas na Rua do Meio. O local, embora o jornal tenha declarado não conhecer, naquela época, já era bastante reputado como área de prostituição. Além disso, essas incômodas trabalhadoras exerciam sua profissão numa localidade onde havia várias casas residenciais e que ficava próxima às ruas Senhor dos Passos e Direita, onde moravam algumas das pessoas mais ricas e poderosas do município. Nesta rua também estava localizado o quartel (OLIVEIRA, 2008: 151-171). Certamente, alguns dos homens dessas famílias frequentavam os prostíbulos da Rua do Meio.

Esse caso nos leva a observar que, assim como outras trabalhadoras, as prostitutas viviam a experiência de serem oprimidas, excluídas e invisibilizadas, só aparecendo nos jornais como alvos das denúncias contra suas práticas e seus valores. Para a elite intelectual de Feira de Santana e seus colaboradores que escreviam nos jornais, além de constranger as famílias, elas também representavam uma influência negativa para as demais trabalhadoras e, por isso mesmo, precisavam ser reprimidas.

Em 2 de abril de 1911, o mesmo periódico fez mais um apelo às autoridades. Dessa vez, pediu providências contra outra personagem incômoda.



A louca

“Já são muitas as queixas que temos recebido com relação a uma louca que transita pelas nossas ruas proferindo palavras obscenas, além de andar semi-nua. Cumprindo nosso dever, deixamos aqui esse apelo às autoridades competentes, que certamente providenciarão para que não sejamos forçados a voltar a esse assunto” (Folha do Norte, 1911: 4).

Embora não tenhamos certeza se realmente tratava-se de uma mulher com algum desequilíbrio mental, o fato é que suas práticas consideradas obscenas foram suficientes para que o jornal Folha do Norte noticiasse o caso e pedisse providências no sentido de reprimir tal mulher. Assim, seja por loucura ou atentado à moral, aquela mulher se constituía como figura desviante nas ruas de Feira de Santana, o que tornaria necessária sua repressão pelas autoridades. Em outros momentos das primeiras décadas da República, as mulheres pobres e trabalhadoras também ocuparam as seções policiais do mesmo jornal. Em 17 de dezembro de 1911, por exemplo, outra manchete chamou a atenção dos leitores:

Conflito num samba... facadas

“Na noite de 8 para 9 do corrente, num samba à travessa General Pedra (Beco do Castanhado) se travou um conflito entre Cesario Pereira da Silva, Demetrio, carroceiro, e a amasia deste, Isabela de Tal, saindo Cesario, que é casado, artista e conta 33 anos de idade, com uma facada na clavícula esquerda, vibrada por Demetrio e outra na cabeça produzida pela arma de Isabela. A polícia fez corpo de delito abriu inquérito e Cesario foi recolhido ao hospital de Misericórdia em estado grave já tendo, porém, experimentado melhoras. Demetrio se evadiu e nos consta que sua amasia, Isabela, saiu ferida também” (Folha do Norte, 1911: 2).

O jornal não informou o que aconteceu com Isabela de Tal depois do crime; entretanto, apresentou aspectos importantes sobre essa personagem, que, por sua vez, são suficientes para vermos que se tratava de uma mulher fora dos padrões admitidos para as pessoas de bem em Feira de Santana, notadamente, as mulheres honestas. Ou seja, semelhante a outras mulheres pobres, além de viver amasiada, tratava-se de uma mulher que participava de um samba, prática cultural de herança africana, condenada pela elite baiana da época, e, o mais grave, possuía uma arma (FRY; CARRARA; MARTINS-COSTA, 1988: 253-260).



Embora esta tenha sido utilizada por seu amásio, tal informação revela que Isabela era o tipo de mulher disposta a matar alguém seja para defender-se de alguma agressão, seja por algum outro motivo, isto é, era uma mulher com características morais totalmente inadequadas às regras de boa conduta feminina.

Na maioria das vezes, a informação da cor das pessoas também não aparece de forma explícita no periódico. Desse modo, observamos que na representação das mulheres eram utilizadas expressões que indicavam para o leitor de que grupo social se estava tratando. No que diz respeito às pessoas da elite, especialmente as mulheres, eram acionados termos como “senhora honrada”, “boa família”, “prestigiosas” e “filhas do nosso amigo”. As notícias em que era mais comum encontrar informações sobre elas eram as que informavam a visita de parentes na cidade, o retorno de alguém da família de uma viagem, nascimentos, aniversários e óbitos de algumas delas, do marido ou do pai. Nesses últimos casos, geralmente, a informação vinha acompanhada da preocupação dos jornais em registrar seu lamento, sendo que, por vezes, este era feito em nome de toda a sociedade feirense. Em casos como esses, a informação da cor não parecia ser um elemento importante, isto é, essas mulheres eram naturalmente brancas.

Diferentemente disso, o jornal Folha do Norte, para tratarem das mulheres pobres, trabalhadoras e negras usavam denominações como “sirigaitas”, “sacudidas”, “imorais”, “criminosas” e “bárbaras”. Dessa forma, marcavam a distinção entre as mulheres desses grupos e as mulheres da elite. O local mais provável para encontrarmos a cor desses sujeitos sociais era dentre as notícias da seção policial, como podemos constatar pela publicação de 18 de abril de 1914, na qual este jornal trouxe mais um caso de polícia:

Suicídio

“Caetana de Tal, de cor preta, de 35 anos de idade, mais ou menos, solteira, natural de São Gonçalo dos Campos, residente nesta cidade, à Rua Guarany, amasiada com o carroceiro Mariano, no dia 13 do corrente pôs termo à existência ingerindo fortíssima dose de arsênico. Ignora-se o motivo que a levou a este ato de tão extremo desespero, visto não ter deixado declaração alguma. O subdelegado abriu o inquérito e trata de elucidar o caso” (Folha do Norte, 1914: 1).



Da mesma forma, em 29 de agosto de 1914, ao noticiar um crime de morte, o mesmo periódico explicitou seu horror diante do caso envolvendo duas mulheres pobres, trabalhadoras e negras da cidade:

Bárbaro assassinato: uma mulher que mata sua rival por ciúme

“Maria Sabina de Jesus, de cor preta, com 20 anos de idade, tomada de ciúmes contra Maria Patrocínia do Amor Divino, preta, 22 anos de idade, aproveitando-se da ocasião em que esta se achava descuidadamente lavando roupa numa fonte denominada Coroasinho deu-lhe diversas cacetadas na cabeça, matando-a barbaramente. Consumando o crime de seu intento perverso assassinou o cadáver e o atirou no poço: os parentes de Maria Patrocínia notando a demora de sua volta da lavanderia compareceram ao local e logo foram da convicção da existência de um crime. Do poço foi retirado o cadáver. Não tardou muito a que as suspeitas desse horrendo crime recaíssem contra Maria Sabina que vivia em rixa com Maria Patrocínia. Comparecendo a autoridade policial que deu todas as providências, efetuou a prisão da suposta criminosa que submetida a interrogatório confessou o crime; pelo que foi recolhida, às cadeias desta cidade, na segunda-feira última do corrente. O facto delituoso deu-se na freguesia de Humildes, no dia 22 do mês findo” (Folha do Norte, 1914: 1).

Diferentemente das mulheres da elite, o lugar reservado às mulheres estudadas, na imprensa de Feira de Santana, era o do crime. Assim, nas páginas do jornal analisado neste texto, tais mulheres eram identificadas como “suicidas”, capazes de pôr fim às próprias vidas, como Caetana de Tal, ou “bárbaras”, que, numa disputa amorosa, eram capazes de assassinar outra mulher, como fez Maria Sabina.

O jornal analisados ainda nos permitem ver a existência de outra forma de representação das mulheres que pesquisamos. Nesses casos, observamos uma representação diferente de tais sujeitos sociais, como depreendemos da notícia que foi publicada pelo jornal Folha do Norte, na seção Necrológio, ao informar a seus leitores que, no dia 19 de abril de 1913,

“Faleceu, às 4 horas da madrugada de 12 do andante, vítima por uma rebelde infecção intestinal, na fazenda *Belmente*, a preta Rita Borges, muito conhecida e estimada entre nós. Rita que, na virtude de sua alma pura, guardou sempre fervoroso culto à honestidade e ao trabalho, vivia cercada de estima e carinho, com a família Pinto dos Santos, a quem era extremamente dedicada. Morreu aos 40 anos e teve no cemitério da freguesia dos Humildes, concorrido enterramento. Entre as flores de saudade que ficaram sobre a sepultura destacou-se uma capela oferecida pela família



Pinto dos Santos, a quem esse deplorável traspasse golpeou fundo nos afetos mais caros” (Grifos do jornal). (Folha do Norte. 1913: 2).

Ao que parece, Rita Borges tinha uma relação afetiva com a referida família Pinto dos Santos, uma família de prestígio na cidade, que, segundo o jornal, demonstrou grande sofrimento diante da morte da mesma, que, provavelmente, trabalhava como doméstica na fazenda Belmonte. Entretanto, logo em seguida, o periódico explicou que a falecida tinha atributos morais que faziam dela merecedora de tal consideração – “fervoroso culto à honestidade e ao trabalho além de ser extremamente dedicada à referida família”. O jornal explicita seu olhar diferenciador, ou seja, tratava-se de uma mulher pobre, trabalhadora e negra diferente das outras, cujo respeito conquistado estava diretamente relacionado ao tipo de reconhecimento que recebia dos patrões. Dessa forma, a imagem construída de Rita como pessoa respeitável é, ao mesmo tempo, a representação da subalternidade – exigência fundamental para que mulheres como ela fossem respeitadas pela elite feirense da virada do século.

Outras notícias também revelaram que a distinção entre as mulheres pobres não passava despercebida para a imprensa feirense, como podemos constatar na denúncia publicada pelo mesmo jornal em 13 de novembro de 1910:

Busca original

“Na tarde do dia 9 do andante estiveram nessa redação a Sra. Magdalena Carneiro, vulgarmente conhecida por Magdalena “fateira” e suas duas filhas, as quais nos narravam o seguinte: Às 10 horas da manhã daquele dia foi a residência da dita Magdalena, cujo bom procedimento todos conhecem, invadida pelo comandante do policiamento e cinco praças de polícia, os quais fecharam logo todas as portas e começaram a dar nos compartimentos da casa uma rigorosa busca. Estupefata ante aquele procedimento, uma das filhas de Magdalena, interrogou um dos policiais; sendo ameaçada de espancamento e prisão!!!!... Depois de ter removido tudo, até os mínimos objetos do quarto das filhas de Magdalena, que são moças honestas, deu o sargento por terminada a original busca, dizendo, então que se tratava de um furto cometido por Eduardo Nery e que o referido havia escondido o valor furtado ali quando na verdade é que nem Magdalena e nem as filhas sabem quem é o tal indivíduo. [...]” (Folha do Norte, 1910: 3).



Ao que parece, tratava-se de uma família que, assim como tantas outras que encontramos em nosso *corpus* documental, era chefiada por uma mulher. A fateira Magdalena Carneiro e suas filhas, mulheres pobres, eram conhecidas e respeitadas pelo jornal Folha do Norte, já que, mais do que simplesmente publicar a denúncia de abuso de poder por parte das autoridades policiais de Feira de Santana, este periódico fez questão de enfatizar seu apoio a tais mulheres. Contudo, observamos que, mesmo neste caso, o periódico demonstrou compartilhar dos valores sobre certo modelo de feminilidade, visto que, antes mesmo de relatar a denúncia, fez questão de enfatizar tratar-se de uma fateira/trabalhadora cujo bom procedimento era de conhecimento público. O perfil de insubmissão de uma de suas filhas, porém, não passou despercebido para o periódico, que, logo em seguida, precisou destacar que, apesar da intrepidez, eram “moças honestas”.

Outras mulheres trabalhadoras de Feira de Santana provavelmente não contavam com a mesma consideração por parte do jornal.



Fonte: Arquivo Hugo Navarro Silva

Nesse sentido, ao observar a imagem acima, provavelmente do final do século XIX ou início do século XX, nos deparamos com várias mulheres, notadamente trabalhadoras negras, que, assim como Magdalena Carneiro, tinham a ocupação de fateira. Na foto, elas aparecem limpando vísceras de gado bovino (o fato do boi) para posteriormente vender na feira livre, prática que, neste período estava na mira das autoridades. Em Feira de Santana, assim como em Salvador, capital do Estado, a administração municipal, vinha adotando medidas para regular a venda de alimentos nas feiras e nas ruas da cidade. Assim, enquanto na capital tal política favorecia aos proprietários de carrocinhas, tipicamente do sexo masculino, em Feira de Santana, a opção da administração municipal foi pela construção do Mercado de



Fato (FERREIRA FILHO, 2003: 245). Tal obra, próxima ao Mercado Municipal, ficou pronta na década de 1920 e, além de fortalecer o comércio formal da cidade, visava excluir as tradicionais feiras do exercício dessa ocupação.

Na maior parte das vezes, as mulheres pobres como a fadeira Magdalena Carneiro e suas filhas, com todas as suas especificidades e a despeito do incômodo que suas presenças causavam à elite de Feira de Santana, disputavam cotidianamente não só o direito à cidade, mas também o de poder vivenciá-la ao seu modo. Trata-se de mulheres que transitavam do âmbito privado ao público com desenvoltura similar a dos homens e que poderiam ir às últimas consequências para defender seus interesses.

Era nesse tenso contexto que os intelectuais debatiam sobre os rumos da nação e cobravam das autoridades judiciais e administrativas de Feira de Santana, medidas para reprimir, especialmente as mulheres pobres, trabalhadoras e negras cujas condições de vida e valores as tornaram inevitavelmente transgressoras das regras sociais impostas.

Considerações finais

As notícias do jornal Folha do Norte da passagem do século XIX e para o XX, nos deixam ver que os homens que escreviam nesse periódico imbuídos de ideais republicanos como civismo e progresso estavam empenhados em civilizar a população de Feira de Santana, especialmente as mulheres pobres, trabalhadoras e negras, o alvo principal do olhar vigilante deste periódico.

Por meio das notícias do referido jornal pudemos ter acesso a informações preciosas sobre a vida de nossas protagonistas, além de trouxe à tona o passado de outros inúmeros personagens que faziam parte de seu cotidiano como seus familiares, amigos, vizinhos, fregueses, patrões, desafetos e colegas de trabalho.

Ao atentarmo-nos para as histórias de conflitos, sociabilidades e solidariedades nas quais as mulheres pesquisadas estavam envolvidas conseguimos perceber que, assim como, outros sujeitos sociais elas dissimulavam e se envolviam em disputas amorosas; algumas conquistaram aliados poderosos em defesa de seus interesses; insistiam em fazer as próprias



escolhas sexo-afetivas e trabalhavam para garantir a própria sobrevivência e a dos seus. Ou seja, eram mulheres que transgrediam o modelo de feminilidade imposto, sob vários aspectos.

Bibliografia

ANDRADE, Celeste Maria P. de. *Origens do povoamento de Feira de Santana: um estudo de história colonial*. Dissertação de Mestrado, Salvador, UFBA, 1990.

CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. “De historiadora, brasileiras e escandinavas: loucura, folias e relações de gênero no Brasil (século XIX e início do XX)”, In: *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 3 n. 5, 1998. p. 1-28.

FILHO FRAGA, Walter. *Mendigos, moleques, e vadios na Bahia do século XIX*. São Paulo/Salvador: HUCITEC-EDUFBA, 1996.

FONSECA, Raimundo Nonato da Silva Fonseca. “*Fazendo fita*”: *cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930*, Salvador: EDUFBA, 2002.

FREITAS, Nacelice Barbosa. *Urbanização em Feira de Santana: influência de industrialização 1970-1996*. Dissertação de Mestrado, UFBA, Salvador, 1998.

FRY, Peter; CARRARA, Sérgio; MARTINS-COSTA, Ana Luiza. “Negros e brancos no carnaval da Velha República”. In: REIS, João José. (Org.) *Escravidão e invenção da liberdade – Estudo sobre o negro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 232-236.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. *Feira de Santana em Tempos de Modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950-1960)*. Tese de Doutorado, UFPE, Recife, 2008.

POPPINO, Rollie E. *Feira de Santana*. Salvador: Itapuã, 1968.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Dos males da dádiva: sobre as ambiguidades no processo da Abolição brasileira”. In: CUNHA, Olivia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos. *Quase cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SCOTT, Joan Wallach. “Prefácio e gender and politics of history”. In: *Cadernos Pagu* 3, Campinas, 1994. p. 11-27.



SCOTT, Joan. “História das mulheres”. In. BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html. Acesso em: 04 de abril de 2011.

SANTA BARBARA, Reginilde Rodrigues. *O caminho da autonomia na conquista da dignidade: sociabilidades e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana – Bahia (1929-1964)*. Dissertação de Mestrado, UFBA, Salvador, 2007.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa I: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª Edição, 1987.